



## Entre a narração do cotidiano e o cotidiano da narração: uma análise da noticiabilidade como categoria cognitiva nas rotinas jornalísticas

Marcos Paulo da Silva

**Resumo:** O objetivo do trabalho é promover uma reflexão de ordem qualitativa sobre a natureza cognitiva da concepção de noticiabilidade no jornalismo, bem como sobre a pertinência da compreensão do conceito no interior das mediações possíveis entre a midiatização jornalística da vida cotidiana e o cotidiano das rotinas profissionais voltadas à midiatização jornalística. Busca-se inicialmente uma discussão das próprias concepções de cotidiano e de vida cotidiana em interface com as peculiaridades do campo jornalístico. Na sequência, sob a ótica da problematização do tema, vale-se dos resultados qualitativos de uma pesquisa empírica realizada com jornalistas e leitores de jornais na capital de Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Seleção noticiosa; Noticiabilidade; Cotidiano; Vida cotidiana.

### 1. Das metáforas às notícias: uma introdução ao debate

*Let us try, for instance, to think of a metaphor as a filter. Consider the statement, "Man is a wolf". (...) The metaphorical sentence in question will not convey its intended meaning to a reader sufficiently ignorant about wolves.*  
(Max Black)

O que a construção de metáforas tem em comum com a seleção de notícias? Considerada a interpretação feita pelo filósofo britânico-americano Max Black (1955) para as metáforas, a similitude pode estar na própria essência dos dois processos: um “sistema de lugares-comuns associados” (*a system of associated commonplaces*). Em

outros termos, a síntese de Black para uma das mais disseminadas figuras de linguagem dos sistemas linguísticos modernos deposita ênfase numa compreensão substancialmente cognitiva para o fenômeno; perspectiva que também pode ser aplicável às dimensões da seleção noticiosa. Afinal, argumenta o autor, o importante para a eficácia de uma metáfora não está simplesmente no fato de que “os lugares-comuns sejam verdades”, mas que esses “sejam lembrados pronta e livremente” em um determinado recorte sócio-histórico. É por causa disso, sublinha o filósofo, que uma metáfora com *bom funcionamento* numa determinada sociedade pode parecer *absurda* em outra (BLACK, 1955, p. 287, tradução nossa).

E a seleção de notícias? Além da própria natureza cognitiva que coloca os dois processos em interface, a sugestão de Max Black (1955, p.286) de interpretar a construção de metáforas como um *sistema de crivo* (sugestão que, num exercício de metalinguagem, é caracterizada na própria metáfora do filtro – “*let us try to think of a metaphor as a filter*” –, tomada de empréstimo na epígrafe acima), encontra ressonância nos parâmetros que materializam as duas etapas básicas da seleção noticiosa atribuídas por Herbert Gans (2004): a *disponibilidade* (de acontecimentos noticiosos) e a *adequação* (dos mesmos às rotinas jornalísticas).

Nessa perspectiva, entende-se que o enquadramento automático do conteúdo noticioso em categorias delimitáveis de critérios de noticiabilidade (a raridade, a proximidade, o ineditismo, o impacto, o conflito, o escândalo, a catástrofe, entre tantos outros)<sup>1</sup>, a despeito de sua factibilidade na verificação empírica a partir de procedimentos metodológicos qualitativos e quantitativos, reduz a complexidade do processo de seleção noticiosa e abrevia (esvazia), de um ponto de vista analítico, a carga cultural (efetivada em parâmetros simbólicos e práticos) compartilhados no campo profissional do jornalismo. Se para Max Black (1955) a dinâmica de construção de metáforas é impensável fora de todo um sistema cognitivo de *lugares-comuns*, no universo jornalístico uma relação similar se estabelece: torna-se inexequível, sob pena do esvaziamento da complexidade das rotinas jornalísticas, entender os chamados critérios de noticiabilidade à margem da compreensão do cotidiano que envolve a construção da narração jornalística.

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, as classificações Wolf (2003) e Traquina (2008), dentre outras, mais tarde sistematizadas por Silva (2005).

Para Pereira (2009, p.5),

Um dos equívocos da linguagem midiática é pretender representar a vida cotidiana a partir de um sistema calcado na objetividade – como sinônimo de verdade. Por isso, os cidadãos percebem – com auxílio do senso comum – que as manifestações estéticas vivenciadas no cotidiano ultrapassam os limites argumentativos impostos pelas narrativas midiáticas.

Os critérios de noticiabilidade, nesse vértice, não se materializam como parâmetros estanques (embora, repita-se, tais categorias sejam metodologicamente verificáveis), mas envolvem processos culturais e cognitivos entrecruzados nos âmbitos da vida cotidiana (como categoria sociológica) e do próprio cotidiano das rotinas produtivas do jornalismo. Assim, para além das notícias, entendidas como artefatos sociais complexos e formas simbólicas que respaldam padrões estético-expressivos culturalmente disseminados, a ênfase analítica deve se localizar na própria concepção de noticiabilidade; a começar pelo fato de que as duas ideias – a de noticiabilidade e a de notícia –, conforme defendem Shoemaker & Cohen (2006, p. 335-337), não devem ser interpretadas como noções equivalentes, uma vez que representam constructos distintos no plano teórico-conceitual. Enquanto a noticiabilidade é definida no nível individual de análise e leva em consideração a questão da saliência pessoal que um evento provoca num determinado ator social (seja ele jornalista ou não), a notícia consiste em um artefato simbólico complexo formatado por fatores como as rotinas profissionais da prática jornalística, as características organizacionais das empresas de comunicação e as influências das diferentes instituições sociais envolvidas no processo, além de variáveis macrossociais como valores culturais e ideologia.

O conceito de noticiabilidade também não se ajusta automaticamente à ideia de proeminência na mídia (SHOEMAKER & COHEN, 2006, p.351-353). Como constructo de natureza eminentemente cognitiva (a atribuição de valores de interesse noticioso no nível individual de análise), o conceito se aproxima mais da interpretação de Max Black (1955) das metáforas como sistemas cognitivos de *filtros* e de *lugares-comuns* do que propriamente da representação efetiva de determinadas categorias de notícia nos meios de comunicação (categorias geralmente estudadas e classificadas *a posteriori*). Por seu turno, os chamados valores-notícia (ou *news values* na tradição norte-

americana) são vistos como os aspectos da noticiabilidade imbricados – e aqui a projeção conceitual faz sentido – nas rotinas jornalísticas; isto é, constituem os critérios de noticiabilidade (valores sobremaneira hegemônicos) disseminados no cotidiano profissional do jornalismo para selecionar os acontecimentos que serão efetivamente noticiados – numa ótica que mais se aproxima do debate estabelecido por Herbert Gans (2004) a respeito dos valores ideológicos compartilhados nas salas de redação.

Notícia, critérios de noticiabilidade e valores-notícia, portanto, constituem constructos distintos que, todavia, não devem ser compreendidos à margem de um sistema de valores compartilhados, seja na esfera da vida cotidiana (e de seus diferentes contratos comunicativos) ou propriamente no cotidiano das rotinas profissionais do jornalismo. Desse modo, uma vez mais, defende-se que a compreensão da *narração da vida cotidiana pelo jornalismo*, conforme se buscará problematizar na sequência a partir de uma pesquisa empírica mais ampla com leitores de jornais e jornalistas sul-matogrossenses, não deve se dar sem a compreensão prévia do próprio *cotidiano da narração noticiosa*.

## **2. Entre a rotinização das práticas e a mediação pela vida cotidiana**

Tratada como “a vida de todo homem” na acepção de Agnes Heller (1972, p.31), a ideia de vida cotidiana, ao lado da própria concepção de cotidiano a ela atrelada, desempenha um papel preponderante no presente debate por vincular-se à existência de valores simbólicos – *lugares-comuns* – socialmente compartilhados. Numa interessante distinção metodológica, a autora húngara aponta que as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana se distribuem ao longo de cinco eixos distintos: trabalho, vida privada, descanso, lazer e atividade social (HELLER, 1972).

Em que pese a distinção apresentada por Heller (1972), todavia, entende-se ser notadamente no desenvolvimento do modo de produção capitalista – e em seus consequentes modos discrepantes de organização da atividade produtiva – que se localiza a emergência histórica do conceito. Para Souza Martins (2010):

Justamente quando, com o desenvolvimento do capitalismo, a finalidade do trabalho passa a ser o próprio trabalho, tenha sentido ou não, e o trabalhador se põe numa relação de divórcio e alteridade com sua obra, que se acumula sem destino, na acumulação pela acumulação, é que o trabalho

sem sentido dá origem à vida cotidiana. (SOUZA MARTINS, 2010, p.126).

No interior dessa perspectiva sociológica, portanto, ao menos dois pontos merecem ser sublinhados: primeiramente, é preciso considerar que nem todas as sociedades e épocas tiveram como parâmetros as ideias de cotidiano e de vida cotidiana; posto que essas, como observado, estão relacionadas ao contexto da sociabilidade moderna (SOUZA MARTINS, 2010, p.126). Além disso, se faz necessário o reconhecimento de que a abordagem conceitual dessas noções possui sua base de apoio relacionada à concepção sociológica da “alienação”. A alienação desponta, assim, como uma espécie de “mal-estar da vida cotidiana e do mundo moderno”; e se configura dessa forma, pois, conforme argumenta Souza Martins (2010, p.74-75), no pensamento modernizante a consciência social do homem cotidiano se empobrece como imaginação (instância “criadora e revolucionária”) e se enriquece como imaginário.

Tal olhar teórico para a alienação, entretanto, difere-se das análises clássicas do pensamento marxista ortodoxo que, numa clara ênfase economicista, vinculam exclusivamente o conceito à questão do trabalho e da mais valia. Para Agnes Heller (1972), a alienação pode estar no próprio solapamento promovido por um dos eixos estruturantes da vida cotidiana (como a vida privada ou lazer) sobre os demais. Já para Souza Martins (2010, p.73-75), em semelhante perspectiva, as análises marxistas clássicas não explicam, de fato, como as pessoas vivenciam no cotidiano as próprias limitações oriundas da alienação (“o trabalhador não apenas trabalha”, chama a atenção o sociólogo brasileiro). Em outros termos, significa estender o questionamento da alienação para além da rotina produtiva diária, ou seja, trata-se de questionar o que acontece com a consciência do trabalhador quando esta é “liberada” da necessidade de pensar o “trabalho”.

Reconhece-se, dessa forma, que o conceito de rotina (derivado do termo rota), embora expresse uma acepção próxima (a rotina alienante do trabalho diário, por exemplo), não coincide e nem se faz suficiente para a compreensão da noção de regularidade na vida cotidiana. A regularidade cotidiana, figura de tempo que se estabelece como padrão cultural essencial para o entendimento da sociabilidade moderna, vai além da simples ideia de “rotineiro”, pois é exatamente em sua contraditória falta de sentido que reside sua maior complexidade.

Nesse cenário, o cotidiano específico da narração jornalística – o que inclui os processos de rotinização das práticas profissionais dos jornalistas – escapa aos limites propriamente ditos das salas de redação e passa pelas relações mais amplas da vida cotidiana como um todo. Para Pereira (2009, p.6), a construção do cotidiano no jornalismo não se dá apenas como “aplicações tautológicas das técnicas jornalísticas”, uma vez que constitui, antes de tudo, “um problema ontológico (do ser) e metodológico [dos jornalistas] – competência para coleta e organização de enunciados socioculturais”.

No interior dessa linha de raciocínio, entende-se que a natureza cognitiva das dimensões da noticiabilidade e o conjunto de valores simbólicos (parâmetros hegemônicos) compartilhados no cotidiano do campo profissional do jornalismo – a metáfora dos “óculos especiais para se observar o mundo”, para valer-se da acepção de Pierre Bourdieu (1997) – podem ser melhor visualizados, sob um prisma metodológico, a partir de exercícios de auto-avaliação – procedimentos interpretativos de “suspensão do cotidiano” – que os jornalistas fazem quando extraídos, ainda que temporariamente, de suas rotinas profissionais<sup>2</sup>. São nas entrelinhas desses exercícios de suspensão das salas de redação, por conseguinte, que emergem as contradições e a eventual carência de sentido presentes na rotinização das práticas profissionais e na incorporação de um discurso social hegemônico sobre a natureza das notícias. Do ponto de vista da complexidade do fenômeno, trata-se da identificação de uma semântica que mais se aproxima de um discurso histórico de autolegitimação da profissão do que propriamente das categorias segmentadas e historicamente construídas de valores-notícia.

### **3. O lugar das perguntas e o cotidiano dos jornalistas**

Conforme alerta Nelson Traquina (2008, p. 62), diversos estudos sobre o jornalismo demonstram que os profissionais da área têm uma enorme dificuldade para explicar o que é notícia e quais são seus critérios noticiosos para além de respostas vagas do tipo “o que é importante” ou “o que interessa ao público”. Como forma de ilustrar a

---

<sup>2</sup> No caso do presente estudo, exercícios aplicados a partir de entrevistas qualitativas semi-estruturadas nas quais os jornalistas são instados a pensar a própria prática profissional e a relação desta com a vida cotidiana.

nebulosidade do campo, Shoemaker & Cohen (2006, p.7), em sentido semelhante, sugerem o simples exercício de se questionar um jornalista a respeito de uma definição básica para os conceitos. É bem provável, apostam os autores, que a resposta apresentada não culminará em uma definição suficientemente clara, mas, por outro lado, o inquirido terá possivelmente na manga um argumento bem característico de seu grupo profissional: “eu sei o que é uma notícia quando eu vejo uma notícia”. Entretanto, embora diferentes autores tenham procurado atribuir um sentido crítico a essa questão, talvez venha do teórico jamaicano-britânico Stuart Hall (1981, p.234) uma das mais lúcidas leituras para o impasse: os critérios de noticiabilidade, por constituírem modalidades de “estoques de conhecimento” compartilhados profissionalmente, representam uma das mais opacas estruturas de sentido da experiência moderna e não se fazem transparentes nem aos próprios jornalistas.

Nesse sentido, com a proposta de problematizar os aspectos que configuram o multifacetado universo do cotidiano da narração jornalística, volta-se o olhar para um recorte empírico específico: as relações entre cotidiano e noticiabilidade na imprensa sul-mato-grossense. Do ponto de vista metodológico, sobretudo em relação aos aspectos referentes à coleta de dados empíricos, a pesquisa segue um desenho estrutural similar ao levantamento de critérios de noticiabilidade desenvolvido por Shoemaker e Cohen (2006) em dez países de diferentes continentes – notadamente, a utilização de técnicas da *análise de conteúdo* para o estudo de jornais e de procedimentos qualitativos (grupos focais, entrevistas semi-estruturadas e exercícios de *gatekeeping*). Para as finalidades específicas da presente discussão, opta-se pela vertente eminentemente qualitativa da pesquisa desenvolvida com jornais e jornalistas na capital de Mato Grosso do Sul.

A partir do recurso de roteiros semiestruturados, foram entrevistados dez jornalistas e oito membros da audiência distribuídos em cinco grupos de análise: 1) três jornalistas do jornal *Correio do Estado*, veículo de maior circulação em Mato Grosso do Sul; 2) três jornalistas do jornal *O Estado MS*, veículo diário de segunda maior tiragem na capital sul-mato-grossense; 3) quatro jornalistas de assessorias de imprensa com atuação na capital; 4) quatro leitores com nível de escolaridade básico e médio; e 5) quatro leitores com nível de escolaridade superior e pós-graduação. Com o propósito de obter um recorte com a devida diversidade de opiniões, as entrevistas atingiram diferentes

níveis hierárquicos das empresas jornalísticas; isto é, de repórteres e pauteiros a subeditores e editores. Tal variação também ocorreu em relação às variáveis de gênero e de idade dos entrevistados. Em relação às assessorias de comunicação, buscou-se um recorte que pudesse representar quatro áreas profissionais distintas: agências de comunicação, assessorias da área corporativa, assessorias de órgãos públicos e assessorias do terceiro setor (movimentos sociais e organizações não-governamentais).

Dentre os tópicos presentes no levantamento dos dados qualitativos, quatro questionamentos serão aqui privilegiados: 1) *O que, em sua opinião, caracteriza uma notícia?*; 2) *O que faz um assunto, uma vez notícia, deixar as páginas dos jornais nos dias posteriores?*; 3) *Como as notícias influenciam sua vida cotidiana?*; e 4) *Quais os três acontecimentos mais marcantes que você recorda em sua vida?*

As informações decorrentes das entrevistas foram sistematizadas em quadros esquemáticos<sup>3</sup>. Apesar das limitações intrínsecas a qualquer opção metodológica, tal sistematização permite algumas inferências sobre o cotidiano da atividade jornalística na capital de Mato Grosso do Sul, mas também possibilita reflexões mais amplas sobre a própria natureza cognitiva da noticiabilidade como dimensão da seleção noticiosa – proposta do presente trabalho. É sobre esse aspecto do cotidiano da narração jornalística, mesmo que voltado a um recorte empírico específico, que a análise se debruça como tentativa de colaborar para a problematização do assunto e para a ampliação do estado da arte dos estudos de jornalismo sobre a concepção de noticiabilidade.

#### **4. Da narração do cotidiano à legitimação das práticas**

Valendo-se dos termos clássicos de Berger e Luckmann (1974), o jornalismo, enquanto instituição social historicamente legitimada, constitui parte representativa da chamada “realidade objetiva” que, por seu turno, transcodifica e dissemina valores simbólicos (sobretudo enquadramentos dessa mesma realidade) que se materializam na de-

---

<sup>3</sup> Quatro quadros de sistematização foram elaborados a partir do roteiro semi-estruturado: Critérios de Noticiabilidade (Quadro 1); Temporalidade/Duração das notícias (Quadro 2); Influência das notícias na vida cotidiana (Quadro 3); Acontecimentos marcantes com origem na vida privada e com origem na agenda midiática (Quadro 4). Pelas limitações de espaço do artigo, os quadros não estão aqui reproduzidos.



nominada “realidade social subjetiva”. Tais valores simbólicos – ou *lugares-comuns associados*, na mencionada visão de Max Black (1955) sobre as metáforas – são partilhados e incorporados culturalmente na vida cotidiana como *sistemas de crivo* (de filtros cognitivos) que caracterizam determinados pontos de vista – lugares de mirada – para o mundo social.

Pierre Bourdieu (1997) demarca a caracterização do campo jornalístico como um “microcosmo autônomo” que possui tensionamentos próprios ao mesmo passo em que reproduz estruturas sociais mais amplas presentes em outros campos e espaços simbólicos enraizados na sociedade. Nesse cenário, a “rotinização das práticas” mencionada pelo sociólogo francês como processo simbólico de protagonismo na vida cotidiana (BOURDIEU, 1977) manifesta-se a partir de particularidades – tensionamentos e trocas simbólicas particulares – no cotidiano específico da narração noticiosa.

Nessa conjectura, os dados empíricos extraídos da pesquisa com leitores e jornalistas sul-mato-grossenses traduzem parte da complexidade do tema. No que tange a própria definição de notícia pelos atores sociais estudados – de onde é possível abstrair e sistematizar “categorias de noticiabilidade” – encontra-se, por exemplo, uma bastante emblemática aproximação nas perspectivas dos entrevistados, sejam eles jornalistas de redação (de diferentes idades, gêneros e funções), assessores de imprensa (de organizações de diferentes naturezas) ou leitores de nível de escolaridade básico ou superior (de diferentes idades, profissões e gêneros).

“Inesperado”, “surpresa”, “novidade”, “importância”, “proximidade”, “relevância”, “prestação de serviço”, “interesse público” e “notoriedade dos envolvidos”: em certa medida, as categorias mencionadas se sobrepõem não somente no interior das respostas dos diferentes grupos pesquisados (justaposição que por si só já merece problematização), mas também entre as categorias históricas de valores noticiosos sistematizados por autores de diferentes épocas (SILVA, 2005). Chama atenção, neste aspecto, o fato de apenas dois jornalistas entrevistados – ambos envolvidos nas rotinas produtivas das redações – mencionarem o “interesse do público-leitor” e o “interesse comercial” como fatores preponderantes nos níveis de influência que auxiliam (ou determinam, em alguns casos) a formatação do conteúdo noticioso. No geral, constata-se o compartilhamento, seja entre profissionais de redação e assessorias ou leitores, de um discurso nor-

mativo de legitimação do jornalismo como prática social histórica voltada ao interesse público (menção em todos os grupos pesquisados) e à narração dos acontecimentos mais representativos da vida cotidiana.

Merece destaque também as interpretações relacionadas à ideia de duração da notícia – *o que faz um assunto, uma vez notícia, deixar as páginas dos jornais nos dias posteriores?* – independentemente das categorias de atores estudados. A concepção de “estruturas opacas de sentido” sugerida por Stuart Hall (1981) manifesta-se, neste ponto, na confluência de respostas (interpretações) irrefletidas em torno do caráter de “novidade”, de “relevância”, de “factualidade” ou de “interesse”, considerando que a manifestação desses conceitos foi melhor definida pelos entrevistados em termos práticos extraídos da experiência profissional (no caso dos jornalistas) ou da vida cotidiana (em ambos os casos) – “eu sei o que é uma notícia quando eu vejo uma notícia”, conforme ilustram Shoemaker e Cohen (2006). Nesse sentido, as ideias de “novidade”, “relevância”, “factualidade” e “interesse” são interpretadas, via de regra, mais como valores noticiosos cristalizados na singularidade dos próprios acontecimentos no plano fenomênico e menos como decorrências de processos intrínsecos que formatam as notícias no interior das rotinas profissionais, tal como sugere Gaye Tuchman (1973).

Embora não explicitada em termos diretos, infere-se da análise, uma vez mais, a reprodução social de um discurso legitimador da prática profissional do jornalismo construído em torno dos paradigmas da “objetividade” e da “imparcialidade”, prática discursiva que caracteriza o jornalismo ocidental ao menos desde o início do século XX (SCHUDSON, 1978). Por outro lado, ainda no quesito da “duração/temporalidade das notícias”, há menções significativas por parte de três jornalistas (sendo dois casos no campo das assessorias de imprensa) dos fatores “decisão editorial”, “qualidade da apuração”, “interesse político” e “interesse econômico”, o que relativiza – mesmo que não equivalha – o citado discurso de auto-legitimação da profissão calcado em grande medida nas características de “importância”, “relevância” e “interesse” dos acontecimentos no plano pragmático dos fenômenos.

Todavia, sob o ponto de vista da problematização, a ideia de “saturação” das notícias é a que mais encontra sentido na análise sob a luz da “vida cotidiana” enquanto categoria sociológica. Entende-se como chave-explicativa, neste ponto, que a concepção

de “saturação” encontra respaldo mais nos fatores que se entrecruzam na “carência de sentido” da vida cotidiana como um todo (HELLER, 1972; SOUZA MARTINS, 2010) do que propriamente no cotidiano específico da prática noticiosa profissional (o cotidiano das redações). Isto é, muitas vezes mencionada sob semânticas distintas pelos diferentes grupos, a ideia de “saturação” dos acontecimentos midiáticos denota – numa perspectiva ampliada – a busca constante de sentido nas contradições de uma vida cotidiana caracterizada pela regularidade do tempo da produção e que não se reduz às lógicas da repetição e da banalidade (SOUZA MARTINS, 2010). Afinal, o que leva um acontecimento noticioso a se tornar “velho” (saturado) e ser relegado à metáfora do “mercado de peixes” por ambos os grupos pesquisados senão a própria lógica produtiva da temporalidade que caracteriza a vida cotidiana?

Outras respostas podem ressaltar as particularidades que caracterizam as rotinas profissionais específicas do jornalismo. Entende-se, no entanto, que práticas como a “rotinização do inesperado” e a construção de tipologias próprias para as notícias (TUCHMAN, 1973), por exemplo, somente se disseminam no campo profissional ao encontrar respaldo na mediação entre a lógica imanente e amplificada da vida cotidiana e o olhar ontológico (o *ser-jornalista*) que vivencia tal lógica no cotidiano profissional. Não se foge, assim, novamente, do processo de mediação entre a *narração do cotidiano* e o *cotidiano da narração*.

## **5. A noticiabilidade como constructo cognitivo: da narração do cotidiano ao cotidiano da narração**

Como outrora frisado, todas as pessoas – jornalistas ou não – atribuem ordinariamente valores de interesse aos acontecimentos que permeiam o cotidiano. Do atentado terrorista numa metrópole distante ao buraco da rua a poucos metros da porta de casa (para manter-se em dois clichês), o fato é que todo agente social que convive em uma determinada comunidade de sentido elenca cotidianamente situações de destaque que perpassam a regularidade do dia-a-dia.

A problematização do tema, dessa forma, não deve se concentrar na combatida exclusividade do campo jornalístico na atribuição de parâmetros de interesse aos acontecimentos cotidianos, mas, um passo além, no modo como essa lógica dotada de uma

carga simbólica significativa para os agentes do campo profissional entrecruza seus modos de ação e vigília na vida cotidiana. Do ponto de vista simbólico, trata-se, nos termos de Souza Martins (2010, p.154), da busca constante de sentido, com clareza ou não, “em relação ao que está acontecendo, ao confisco do tempo de trabalho excedente” – ou, nas palavras de Pereira (2009, p.6), de um “problema ontológico (do ser) e metodológico – competência para coleta e organização de enunciados socioculturais” que impregna todo o modo de vida dos agentes do campo.

Assim, com base na análise dos dados qualitativos da pesquisa, se por um lado a interpretação das ideias de “notícia” e de “duração do acontecimento noticioso” se justapõem nos diferentes grupos de agentes pesquisados (ligados ou não diretamente ao campo jornalístico), por outro lado, o modo como as notícias influenciam a vida cotidiana de cada grupo – jornalistas e leitores – é sobremaneira demarcado por fronteiras bastante visíveis e verossímeis entre o *cotidiano da narração* e a *narração do cotidiano*. Definições como “estado constante de alerta”, “obrigação de saber o que acontece ao redor”, “formação constante de rede de contatos”, “acompanhamento do ambiente profissional via redes sociais”, “consumo de notícia como ação prioritária na rotina diária” e “constituição de uma rede de amizades somente com jornalistas fora do ambiente de trabalho”, entre outros, caracterizam o estado constante de vigília caracterizador do cotidiano profissional. Isto é, no interior da compreensão de Agnes Heller (1972) sobre os eixos estruturantes da vida cotidiana, transpassa-se a mera a rotinização do cotidiano profissional (TUCHMAN, 1973) e constitui-se uma modalidade de sobreposição do eixo do “trabalho” sobre os eixos correlatos da “vida privada”, do “descanso”, do “lazer” e da “atividade social”, manifestando-se como um discurso auto-legitimador calcado no valor superior e insubstituível das notícias.

Ademais, numa compreensão de ordem cognitiva dos parâmetros hegemônicos da seleção noticiosa como “lugares-comuns” compartilhados – ou seja, como valores simbólicos que são lembrados “pronta e livremente” quando requisitados no cotidiano (BLACK, 1955) –, destaca-se a clara distinção verificada nas respostas dos leitores (com variações mínimas no interior dos subgrupos relacionados ao grau de escolaridade), todas de certo modo resumidas nas ideias de “consumo cotidiano de notícias” e “aproximação de assuntos que fazem parte do dia-a-dia”. Denota-se, a partir da interpre-

tação do quadro referente aos leitores, um processo inverso de constante midiaticização do cotidiano que se efetiva (ou ao menos se potencializa) como exercício de suspensão dos eixos estruturantes da vida cotidiana caracterizados por Heller (1972) – vida privada, lazer, descanso e atividade social – para além do mundo específico do trabalho. Isto é, ao observar os diferentes grupos pesquisados, encontra-se a manifestação de modos distintos de vigília frente às contradições da cotidianidade expressas na interpretação (e vivência) das notícias por jornalistas e leitores.

Entretanto, mais significativo ainda se configura a distinção na natureza dos “acontecimentos marcantes” elencados em suas respectivas trajetórias de vida pelos atores sociais pesquisados. Majoritariamente, os jornalistas entrevistados, independentemente da posição profissional em redação ou assessoria de imprensa, localizam tais acontecimentos na esfera da vida privada. “Formação universitária”, “gravidez”, “casamento” e “morte de familiar” foram as categorias mais citadas de forma autônoma pelos jornalistas. Chama também atenção um menor rol de respostas vinculadas ao ambiente profissional do jornalismo, mas com influência direta na vida privada dos entrevistados: “trauma na vida pessoal do impacto de uma cobertura de acidente” e “satisfação pessoal pela consolidação de uma carreira em um determinado veículo jornalístico”, entre outras. Dentre as três dezenas de acontecimentos marcantes listados pelos jornalistas, todavia, apenas dois tiveram origem na agenda midiática.

Em relação ao universo dos leitores (com diferentes formações escolares, profissões, classes sociais, gêneros e idades), porém, a maioria absoluta dos acontecimentos mencionados como “marcantes” possui entrada na vida cotidiana pela via da agenda midiática. Apenas dois membros do grupo de leitores com nível superior registraram eventos com origens situadas na vida pessoal ou privada: “formação acadêmica”, “aprovação em concurso público” e “morte de familiar”, respectivamente.

Compreende-se, assim, que no plano da análise todas as respostas, ainda que no interior de suas limitações metodológicas, concedem margem a distintas interpretações. Parte significativa delas, contudo, não escapa a uma chave-explicativa comum: a valorização das interfaces que diferenciam a *mediatização jornalística da vida cotidiana do cotidiano da mediatização jornalística*. De acordo com Pereira (2009, p.4), o cotidiano constitui-se como um “feixe semiótico” complexo no qual a mídia é apenas uma das

facetas. Entre aqueles que vivenciam o cotidiano midiaticizado e aqueles que vivenciam a midiaticização do cotidiano, há diferenças substanciais na interpretação das contradições – dos curto-circuito simbólicos – que tangenciam e entrecruzam a regularidade do dia-a-dia.

Uma vez mais, portanto, sublinha-se a necessidade de compreensão da noção de noticiabilidade como constructo de natureza cognitiva mediado pelas interfaces entre o cotidiano profissional do jornalismo e a midiaticização do cotidiano. Frisa-se, ainda, a distinção conceitual outrora demarcada entre as concepções de noticiabilidade e de notícia. Enquanto a primeira manifesta-se a partir de parâmetros subjetivos localizados na vida cotidiana (de jornalistas ou não), a segunda constitui um artefato social complexo mediado por fatores que transbordam – mas dialogam com, num processo de tensionamento – os parâmetros individuais dos jornalistas. A ideia de “proeminência na mídia”, nesse cenário, também se diferencia da lógica exclusiva dos critérios de noticiabilidade, pois a segunda não pode ser compreendida fora dos tensionamentos e dos valores compartilhados no cotidiano profissional do jornalismo enquanto a primeira vincula-se a um processo já efetivado de representação midiaticizada da vida cotidiana (cujas interfaces fogem aos limites deste trabalho).

No interior dessa linha de raciocínio, entende-se que a notícia – como meio de expressão significativo e representativo da experiência cotidiana moderna – merece lugar de destaque na construção de uma história social das formas simbólicas. A exemplo dos estudos das formas literárias, no entanto, faz-se necessário que na construção dessa história não se esvazie “os aspectos da vida social que permitem que se explique aquele objeto concreto específico que é o texto em sua concretude” (MORETTI, 2007, p. 41). Já a noticiabilidade, como constructo cognitivo, está para o jornalismo como as metáforas estão para demais narrativas cotidianas: estabelece-se como um sistema simbólico de filtros que respalda processos produtivos mais amplos – notadamente, a *adequação* e a *disponibilidade*, para manter-se na classificação de Herbert Gans (2004).

As respostas dos atores sociais entrevistados na pesquisa apresentada, embora representativas apenas de um recorte empírico específico, denotam tais possibilidades interpretativas. Escapa-se, assim, à compreensão (comum em parte da história dos estu-

dos das notícias) dos parâmetros de seleção do jornalismo como categorias estaques e descoladas da vida cotidiana.

## Referências

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BLACK, Max. Metaphor. In: ARISTOTELIAN SOCIETY. **Proceedings of the Aristotelian Society**. New Series, Vol. 55, 1955.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. Edição ampliada comemorativa de 25º aniversário. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2004.

HALL, Stuart. The determination of news photographs. In: COHEN, Stanley e YOUNG, Jock (Orgs.). **The manufacture of news**: social problems, deviance and the mass media. Beverly Hills: Sage, 1981.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia, FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

MORETTI, Franco. A alma e a harpia. In: MORETTI, Franco. **Signos e estilos da modernidade**: ensaios sobre a sociologia das formas literárias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PEREIRA, Wellington. **A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesanato da pesquisa)**. Cultura Midiática – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano II, n.2, 2009.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news**: a social history of American newspapers. New York: Basic Books, 1978.

SHOEMAKER, Pamela J. e REESE, Stephen D. **Mediating the message**: theories of influences of mass media content. 2. ed. White Plains (NY): Longman, 1996.

SHOEMAKER, Pamela J. e COHEN, Akiba. **News around the world: Practitioners, Content, and the Public.** New York: Routledge, 2006.

SILVA, Gislene. **Para pensar a noticiabilidade.** Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005.

SOUZA MARTINS, José de. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional.** 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. **Making news by doing work: routinizing the unexpected.** American Journal of Sociology, v.79, n.1, 1973.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.